



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11751 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

### O BRINCAR DURANTE E PÓS ISOLAMENTO SOCIAL NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Amanda Valiengo - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei

Valdineiaalves - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei

Luciana Raquel de Abreu - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei

Karielen Aparecida Ladeira de Paula - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei

Este texto é resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que teve como problemática os impactos da pandemia nas brincadeiras infantis relacionados com a escola de Educação Infantil: como, do quê, com quem brincaram as crianças no momento de isolamento social e depois do retorno às aulas na escola? As professoras organizaram formas de a criança brincar no isolamento e depois dele? A partir da problemática, o objetivo do TCC foi analisar como o afastamento social em decorrência da pandemia impactou nas formas do brincar na Educação Infantil. Para tal, buscou-se compreender como as crianças brincaram durante e pós isolamento social em duas escolas de Educação Infantil mineiras.

O referencial utilizado é a Teoria Histórico Cultural, que compreende a brincadeira como atividade principal, em um momento da vida (aproximadamente entre 3 e 6 anos de idade), para a humanização da criança e, conseqüentemente, para o seu desenvolvimento humano. A teoria destaca a importância da valorização da infância por meio de atividades educativas que favoreçam a formação das capacidades psíquicas, cognitivas, sociais e afetivas da criança. Essas atividades, por sua vez, são denominadas atividade principal que é aquela que governa e orienta todo o processo de desenvolvimento das capacidades humanas da criança em um determinado período histórico de sua vida (MUKHINA 1996).

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico e uma pesquisa com abordagem de natureza qualitativa, utilizando como instrumentos metodológicos a observação em campo e a entrevista com 4 crianças de 5 anos de idade e 2 professoras da Educação Infantil II.

O levantamento bibliográfico foi realizado nas plataformas: Periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e SCIELO (Scientific Electronic Library Online), com as palavras-chave: *Brincadeira And Educação Infantil*. No periódico da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) foram localizadas 17 teses e dissertações, sendo utilizadas apenas 4 teses e 4 dissertações nesta pesquisa. Já na SCIELO (Scientific Electronic Library Online) foram identificados 11 artigos, porém foram utilizados apenas 4. Essa seleção dos trabalhos de ambas as plataformas foi realizada tendo como base a teoria histórico cultural, abordagem de nossa pesquisa.

A geração dos dados nas escolas foi realizada no momento do Estágio Supervisionado em Educação Infantil II obrigatório no Curso de Pedagogia, que contou com uma carga horária de 20 h, distribuídas em 5 dias no período da manhã em ambas as escolas. O último dia foi escolhido para realizar as entrevistas com as 4 crianças e 2 professoras, sendo 2 crianças e 1 professora da escola da cidade de Prados em uma turma de 16 alunos, e as outras 2 crianças e 1 professora da escola da cidade de São João Del Rei em uma turma de 15 alunos.

Por meio da observação notou-se que as professoras são preocupadas em cumprir os conteúdos programados de acordo com o planejamento escolar, não tendo tempo para pensar outras formas de ensinar o que é exigido ou até mesmo repensar sobre a própria prática. As propostas que as professoras nomeiam como brincadeiras são do tipo jogos com letras e números e vídeos que ensinam a pular corda, amarelinha. Sendo assim, diante da grande quantidade de conteúdos durante e pós pandemia, o brincar foi pouco planejado e considerado pela escola.

As crianças sentiram os impactos do isolamento. No entanto, as entrevistas revelam que elas tiveram mais oportunidade de brincar em casa do que na escola e, por isso não deixaram de aprender por não estarem presencialmente no ambiente escolar, pois ficaram mais tempo com seus familiares e brincaram com os adultos da casa, como por exemplo, com seus pais, avós, tios ou crianças mais próximas, como primos e vizinhos.

As brincadeiras no período do isolamento envolviam boneca, carrinho, bola, de supermercado e de “mamãe filhinha”. Já nas escolas, no retorno presencial, as crianças brincavam durante os 30 minutos de recreio, de bambolê, escorregador, de correr e de polícia ladrão. Dentro de sala de aula não tinha um planejamento suficiente para a brincadeira de papéis.

É válido destacar como o trabalho pedagógico é fundamental para ampliar as vivências, às quais geram impactos nas interpretações de papéis sociais. Sendo assim, o professor tem o importante papel para garantir que o jogo protagonizado aconteça. Porém, o corpo docente precisa ter autonomia, boas condições de trabalho, formação continuada e ser escutado. Ao conseguir organizar o tempo, o espaço, o momento e lugar onde se brinca, escolher os objetos da brincadeira, as relações com quem se brinca, do que e como se brinca

pelo tema e conteúdo da brincadeira, o professor permite que a criança transforme o seu modo de ser, de agir, de sentir, de fazer e de criar. Isso a partir das ações e criações ao falar, brincar, imitar, reproduzir, desenhar, ler, escrever e imaginar.

No entanto, a nossa pesquisa constata que a brincadeira não é vivenciada como atividade principal na rotina escolar. Ocorrem outras tarefas direcionadas, e o que a escola chama de brincadeira tem um princípio escolarizado, perdendo o horizonte da atividade cultural e privando as crianças de desenvolver novas potencialidades.

Com o afastamento social elas não pararam de brincar, porém o jogo protagonizado foi realizado pelas relações sociais ocorridas em sua pluralidade de contextos. As famílias nem sempre conhecem as especificidades e não consideram a brincadeiras de faz de conta como atividade principal. Embora isso também ocorra na escola, a defesa neste trabalho é que o professor tenha formação, condições de trabalho e conhecimento suficientes para organizar processos educativos que envolvam a brincadeira de faz de conta. Um exemplo, quando a criança permanece muito tempo interpretando os mesmos papéis sem ampliação e sem o surgimento de novos. Nesse caso, o professor, especialista na área, é responsável pela ampliação e mudança dos papéis.

Nesse sentido, se por um lado a brincadeira não depende de sua forma escolar para proporcionar desenvolvimento, ou seja, por si só é capaz de gerá-lo (MESQUITA; MAGALHÃES (2014), por outro lado, quando acontece na escola de Educação Infantil, a escola pode e deve potencializar os processos envolvidos, fazendo com que a escola de Educação Infantil seja o melhor lugar para a educação e o desenvolvimento das crianças pequenas (MELLO, 2007).

Então, diante do contexto vivenciado da pandemia, vale refletir se mesmo após um período incomum na história da humanidade em que todos deveriam se reinventar, será possível perceber reverberações na atual prática docente? Ou foi só um momento como se o mundo tivesse “pausado” e no retorno simplesmente houve continuação das mesmas metodologias de ensino?

A partir do exposto, conclui-se que embora o jogo protagonizado devesse ser o eixo principal das práticas educativas na Educação Infantil, durante e pós o período de isolamento social ela não foi considerada como central pelas professoras. No entanto, a partir do embasamento teórico, há a defesa de que a escola seja o lugar oportuno para a realização das brincadeiras.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Brincadeira; Teoria Histórico Cultural.

## REFERÊNCIAS

MELLO, S, A; FARIA, M.A. A escola como lugar da cultura mais elaborada. Educação.

Santa Maria, v 35, n 1. In **O jogo de papéis como atividade pedagógica na Educação Infantil: apontamentos para a emancipação humana**. Nuances, v 25, n 1. In A brincadeira de papéis na escola da infância. 2017, p. 153- 164.

MESQUITA, A. M, MAGALHÃES, G.M. **O jogo de papéis como atividade pedagógica na Educação Infantil: apontamentos para a emancipação humana**. Nuances, v 25, n 1. In A brincadeira de papéis na escola da infância. 2017, p. 153- 164.

MUKHINA, V. **Psicologia da idade pré-escolar**. Porto Alegre: Editora Martins Fontes,1996.